

Caso de Ensino 3: “Boliche da Galinha”

Retirado da tese doutorado – Priscila Domingues de Azevedo

Meu nome é Pitanga, sou professora há 3 anos, mas sempre atuei na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e esse ano peguei uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. No mês de março eu estava ansiosa para começar efetivamente meu trabalho, depois de um período de adaptação das crianças, mas senti que a turma ainda estava insegura e imatura. As crianças faziam 6 anos, todos queriam brincar e seguir a rotina que tinham na Educação Infantil.

Diante desta situação, propus à turma o jogo de boliche convencional com garrafas *pets*, mas percebi que o jogo não chamou a atenção das crianças. Eu queria que elas contassem e marcassem os pontos numa tabela, comparassem quantidades para depois montarmos um gráfico, mas nada daquilo aconteceu naquele dia. As crianças se encantaram com as garrafas que estavam com o líquido colorido e brincaram de rolar com elas por um bom tempo. Então, deixei as crianças brincarem livremente e fiquei pensando em uma estratégia de como cativar as crianças para o jogo.

Pensei numa situação motivadora e lembrei que um assunto que atraía a atenção das crianças era a galinha com seus ovos, pois contei uma história na primeira semana de aula e todos se envolveram. Assim, parti para o jogo simbólico, pois percebi que, para os pequenos do 1º ano do Ensino Fundamental, o jogo de boliche precisava vir “carregado” por uma história.

No dia seguinte levei para a sala seis latas e uma bola de meia. Disse para a turma que eles teriam que ajudar a galinha a coletar seus ovos. Cada lata iria representar um ovo e a bola de meia seria a galinha. Primeiramente, as crianças decoraram as latas com o desenho de um ovo e a partir da bola criaram a galinha. Depois providenciaram uma cesta para colocarem os ovos e por fim, confeccionaram ovos com o fundo das embalagens de cartelas de ovos, como mostra a Figura 1.

Figura 1 - “Boliche da galinha”



Fonte: Imagem cedida pela professora Pitanga

Depois de tudo pronto, algumas crianças não quiseram jogar e respeitei sua vontade; uma delas se sensibilizou com a galinha e não quis jogá-la, pois disse “*Não vou jogar a galinha, ela pode se machucar*”. Então, respeitei o sentimento dessa criança, e dei outra bola para ela acertar nas latas. Sendo assim, o jogo se realizou com as crianças que quiseram, pois quis respeitar a voluntariedade no jogo.

Percebi que a maioria das crianças se envolveu e se identificou com o jogo, então pedi para a turma dar um nome ao jogo e decidiram “Boliche da Galinha”.

Num outro dia, trabalhei com a turma novamente o jogo, explorei mais as regras, delimiti melhor a distância para jogar a bola e a quantidade de vezes que cada criança iria jogar. A partir disso, sugeri que a cada jogada a criança tinha que pegar o ovo que construíram com a embalagem da cartela de ovos e colocar na cesta a quantidade correspondente de latas que tinha derrubado. Ao final de duas rodadas, contamos coletivamente a quantidade de ovos na cesta.

Num outro dia que a turma jogou, perguntei às crianças quantos ovos cada criança tinha conseguido, mas a turma não conseguia falar com certeza, pois todos os ovos estavam misturados na cesta. Então perguntei “*como podemos saber quanto cada criança conseguiu?*” e algumas crianças responderam “*temos que marcar, senão a gente esquece*”. A partir disso, fiz uma tabela num papel pardo com o nome de cada criança e quatro colunas na frente para marcarem os pontos das jogadas. Assim, a cada jogada a criança pegava a quantidade de ovos correspondentes às latas derrubadas, colocavam na cesta e depois marcavam na tabela com o registro dos numerais. Ao final de quatro rodadas as crianças contaram quantos ovos tinham conseguido para a galinha e colocaram o total na última coluna. Depois disso, dei alguns quadrados para cada criança e, para cada ovo obtido, a criança colocava um quadrado na linha que indicava seu nome e, ao final, contava quantos colocou. Portanto, elaboramos um gráfico de barras com a soma dos pontos das jogadas, como mostra a Figura 2.

Figura 2 - Tabela e gráfico do jogo de boliche.



Fonte: Imagem cedida pela professora

A partir do gráfico construído as crianças conseguiram concluir quem tinha conseguido mais, menos e nenhum ovo. Dessa forma, consegui atingir seu objetivo inicial que era permitir que as crianças contassem e controlassem quantidades.

No outro dia, conversei com as crianças sobre o jogo “Boliche da Galinha”, relembramos suas regras e tudo que já haviam feito. Diante disso, pedi para as crianças desenharem o que tinham jogado e percebi o quanto as crianças tinham compreendido o jogo, como mostra o desenho da Figura 3 a seguir:

Figura 3 - Desenho do jogo de boliche



Fonte: Imagem cedida pela professora Teca

Depois dos desenhos prontos as crianças apresentaram seus registros para mim e seus colegas e dei a oportunidade de complementarem durante e depois da apresentação aquilo que

tinham esquecido no desenho. A minha ideia é jogar mais vezes e permitir que as crianças desenhem mais para que possam ampliar suas formas de registro. Além disso, estou planejando escrever um texto coletivo com a turma sobre o jogo do “Boliche da Galinha” e numa outra oportunidade permitir também que as crianças escrevam individualmente as etapas do jogo.

Até esse momento, percebi que foi muito importante trabalhar o jogo e suas regras, além das quantidades, as crianças lidaram com a questão da distância da qual conseguiam derrubar as latas, ao posicionar-se no espaço. Elas próprias demarcaram uma distância entre elas e as latas: não precisaram medir convencionalmente a distância, mas, pela experiência, perceberam que, quanto mais perto, mais fácil era jogar e acertar as latas; além disso, fizeram a experiência de jogar em pé e sentados. Todas essas ações realizadas pelas crianças foram permitidas e incentivadas por mim, e isso fez com que elas experimentassem o espaço, a força e os objetos para jogarem. Com isso, pude respeitar a ludicidade do jogo, a voluntariedade das crianças e foi cumprida a principal regra, que era derrubar as latas.

Com a contagem as crianças conseguiram estabelecer a correspondência entre lata derrubada e ovo na cesta, e perceberam que cada ovo deveria ser contado apenas uma vez. Essa foi uma experiência rica para as crianças, que puderam contar e até ser auxiliadas por seus colegas nas contagens.

Percebi que as crianças mostraram que são capazes de resolver problemas a partir do jogo, elas significativamente produziram falas e escritas numéricas, demonstrando o quanto se envolvem com a contagem, tornando-se uma situação natural de controle de quantidade. Tudo isso aconteceu, pois priorizei a frequência e a periodicidade do jogo, pois não há como ocorrer tudo isso num dia só. Fui percebendo que a cada dia as crianças se envolviam mais com o jogo e aprendiam mais.